

## Onde pastam os minotauros

Lucas Bandeira

*Onde pastam os minotauros* (Todavia, 2023), de Joca Reiners Terron, se insere no conjunto de romances brasileiros que, desde 2021, têm tentado dar conta da experiência coletiva da pandemia da Covid-19. Misturando um thriller bem construído com elementos de fábula, produz uma alegoria sobre os efeitos da exploração da natureza, como a desigualdade social e o surgimento de desastres “naturais”.





Joca Reiners Terron em foto de Renato Parada

O romance conta a história de três trabalhadores de um matadouro em Mato Grosso (“um Mato Grosso a um só tempo imaginário e perturbadoramente próximo da realidade”, conforme consta na orelha). A empresa domina a economia da cidade onde moram os protagonistas, Crente, Cão e Lucy. A narrativa acompanha os três desde as 5h26 da manhã até a meia-noite da última segunda-feira útil de 2021, dia em que planejam roubar o matadouro. O frigorífico tem se especializado em abate halal, e para isso os abatedores não muçulmanos foram despedidos ou rebaixados a cargos com salários menores. Interessados em vender também carne kosher, os proprietários vão receber naquele dia a visita de adidos da embaixada israelense e de um especialista nesse tipo de abate.

O enredo do thriller é entremeado pela história pregressa dos três personagens e pela história da região onde fica matadouro, que se afasta do realismo ao incluir a fábula de um Minotauro nascido no Centro-Oeste brasileiro. Além disso, cinco capítulos, os únicos narrados em primeira pessoa, assumem o ponto de vista de um touro que observa os trabalhadores.

Os capítulos narrados pelo touro reforçam a alegoria. Num recurso irônico ao naturalismo, o narrador-touro vê os trabalhadores do frigorífico como um sujeito coletivo, incapazes de transcender a condição de animais humanos, sujeitos ao determinismo do ambiente, da genética ou da história. Afinal, “desde o nascimento” esses humanos “estão acorrentados à paisagem invariável que se estende até o horizonte” e “seus dias são embrutecidos pela fadiga”. O touro-narrador, porém, sabe que a origem dessa tristeza e desse embrutecimento não está apenas na paisagem, mas no fato de que os donos da terra são também donos “do tempo que se esvai”, ou seja, do tempo dos trabalhadores.

A pandemia torna-se, assim, símbolo da autoimolação de uma sociedade que não sabe mais se alimentar sem produzir pobreza, como diz o touro-narrador. Há a tirania dos oprimidos pelos ricos e poderosos, no que se incluem as igrejas evangélicas, já que é numa delas que a mulher e a filha do Crente são contaminadas pelo vírus, o que causa a morte da primeira. Essa tirania produz um desastre civilizatório, assim como a crise da Covid-19. Como contraponto a essa tirania e a esse desastre, o romance nos oferece a revolta de alguns oprimidos.

Ao misturar convenções de gêneros literário como o thriller e a fábula, Joca Terron tenta dar conta das contradições que levaram a sociedade ao atual impasse que enfrentamos. Ao terminar a leitura, porém, o romance reforça o que o leitor já sabe: que não evitaremos o destino se não mudarmos nossa relação com o mundo que nos cerca.

---

\* **Lucas Bandeira** é professor adjunto do Instituto de Letras da UERJ e editor da Revista Z Cultural;